

TERAPIA OCUPACIONAL: REFLEXÕES SOBRE CULTURA E SUA IMPORTÂNCIA NA ABORDAGEM TERAPÊUTICA

Rafaela de Souza Cesário¹, Beatriz de Carvalho Teixeira²

¹Graduanda do 4º ano do curso de Terapia Ocupacional da Universidade do Vale do Paraíba, rafaelacesario@yahoo.com.br

²Terapeuta Ocupacional, Mestre em Ciências Biológicas (UNIVAP), Docente do curso de Terapia Ocupacional da UNIVAP, FCS teixeira_beatriz@ig.com.br

Resumo- Este artigo discute a relação entre cultura e sua influência na abordagem terapêutica, através da trajetória das atividades enquanto recurso terapêutico e elemento transformador no processo de reabilitação do indivíduo. Refere-se à importância de saber ouvir e entender as características peculiares a cada um para que as atividades possam dar significados às possíveis potencialidades e habilidades dos indivíduos.

Palavras-chave: Terapia Ocupacional, atividades, cultura.

Área do Conhecimento: Ciências da saúde

Introdução

Cada um de nós carrega consigo sua própria bagagem cultural, oriunda do que aprendemos, de valores que fazem parte da gente, daquilo que vivenciamos em nosso dia-a-dia. Estamos, então, em constante produção e troca de informações com o meio em que vivemos.

A Terapia Ocupacional utiliza atividades (sejam elas lúdicas, corporais, artesanais, etc.) como recurso terapêutico no tratamento de seus pacientes. Tais atividades promovem, dentro de outros exemplos, o resgate de valores, auxiliam na reabilitação do paciente e em sua re-inserção social. Portanto, ao abordar um paciente, automaticamente o Terapeuta Ocupacional passa a interagir com as emoções deste indivíduo, com suas percepções e faz uma leitura de sua realidade, por mais distante que sejam da realidade do próprio Terapeuta.

Reconhecer e respeitar as peculiaridades culturais de cada pessoa torna-se, portanto, questão de grande relevância.

Este estudo surge da necessidade de se refletir sobre os diversos conceitos de cultura, na tentativa de compreender a dinâmica de ação do paciente, buscando entender atitudes e comportamentos de cada indivíduo, correlacionando com as abordagens da Terapia Ocupacional, considerando a importância de respeitar a bagagem cultural individual e coletiva.

A Terapia Ocupacional e seus conceitos

Para entender a utilização das atividades como recurso terapêutico, é preciso entender a definição e função da Terapia Ocupacional (TO).

A Terapia Ocupacional é uma profissão complexa que apresenta ampla base de

conhecimento. Sendo o foco desse trabalho relacioná-la com a cultura, cabe aqui a definição do “College of Occupational Therapists” (Reino Unido, 1994):

“A Terapia Ocupacional avalia as funções físicas, psicológicas e sociais do indivíduo, identifica áreas de disfunção e envolve o indivíduo em um programa estruturado de atividade para superar a incapacidade. As atividades selecionadas serão relacionadas às necessidades pessoais, sociais, culturais e econômicas do consumidor e refletirão os fatores ambientais que influenciam sua vida.”

Segundo Francisco (2004) “as teorias e as práticas terapêuticas ocupacionais foram absorvendo as filosofias e as ideologias das diferentes épocas e se transformando, para chegar ao que hoje caracterizamos de diferentes modelos teóricos práticos da Terapia Ocupacional”. De acordo com a autora, existem três correntes filosóficas básicas que são orientadoras do processo terapêutico ocupacional: humanista, positivista e materialista – histórico (dialético). Essas correntes trazem em si diferentes concepções de saúde, doença, homem e tratamento e, dentro de cada uma delas, existem diferentes modelos de intervenção com características específicas. Vejamos:

- Corrente humanista - O principal foco desse modelo é o homem e sua capacidade, a essência humana. A saúde está associada aos bons hábitos, à capacidade de trabalhar, de agir no mundo. O trabalho é utilizado como atividade, favorecendo o relacionamento

interpessoal e de auto-aprendizagem, ordenando pensamento e comportamento.

- Corrente positivista – Esse modelo tem como foco principal o corpo humano como máquina, com ênfase na sua função e disfunção. Há uma estrutura de procedimentos a serem seguidos. A atividade é um exercício com leis, etapas, graduações. Saúde aqui é a ausência de doenças.
- Corrente materialista histórico (dialético) – Aqui, o foco principal é a transformação do meio externo (condições sociais, políticas, econômicas, ambientais...). Esse modelo propõe uma reestruturação de vida, uma conscientização de classe, construção de um saber – fazer inserido nas práticas, nas relações e nas experiências. Situa saúde dentro de um contexto social, como resultado das condições de vida de uma população.

Os modelos de intervenção oriundos dessas correntes são formados e sofrem influência das teorias derivadas das ciências básicas, bem como das idéias e experiências da prática da profissão. A TO “empresta” o conhecimento dessas ciências e utiliza deles na sua prática, de acordo com a necessidade de cada indivíduo, seja essa necessidade referente ao movimento funcional, à percepção e interpretação do meio, ao treino das Atividades de Vida Diárias (AVD’S), ao desenvolvimento ou reeducação do controle motor, etc.

Portanto, entende-se que cada modelo de intervenção irá se dispor de diferentes conceitos e propor diferentes formas de tratamento ao indivíduo. Veremos a seguir como esses modelos concebem o uso da atividade em Terapia Ocupacional.

Atividades como recurso terapêutico

A Terapia Ocupacional utiliza a atividade como técnica de tratamento. Sendo assim, a atividade em Terapia Ocupacional é tida como um instrumento fundamental de intervenção que colabora para a interação social da pessoa e o desenvolvimento de sua capacidade pessoal de organização do dia-a-dia. Seu objetivo é desenvolver e/ou recuperar aspectos físicos (sensório motor), mentais (percepção e cognição) e sociais do indivíduo.

Durante a história da TO, diferentes concepções sobre o uso de atividades como recurso para o tratamento foram se configurando de acordo com as diferentes idéias de homem,

saúde, doença e tratamento, elaboradas pelos modelos de intervenção durante a humanização. Na Idade Média, o homem era considerado “criatura de Deus”. Havia uma ordem sócio-política de domínio eclesiástico e feudal, incluindo os conhecimentos científicos da época. Com as descobertas científicas e as navegações nos séculos XIV, XV e XVI, desmistifica-se a visão de que somente a Igreja seja tutora de todos os pensamentos e acontecimentos da sociedade. O homem passa de “criatura” para “criador” e a cultura é enriquecida pela troca entre os povos (MEDEIROS, 1989).

No período da Renascença as justificativas deixam de ser místicas e passam a ser racionais. Surgem novas concepções e valorações da natureza, sociedade e cultura, oriundas das teorias baseadas na racionalidade e na lei natural. Nasce, nesse período, dois enfoques de pensamento: o racionalismo, que defende a existência de idéias inatas no homem, “minimizando o papel do ambiente na determinação do comportamento”, e o empirismo, “onde o homem seria uma ‘folha em branco’, na qual seriam marcadas suas características, consequência de sua experiência concreta” (MEDEIROS, 1989, p. 35 a 38).

No século XVIII, com a divisão social do trabalho, a racionalização das tarefas e o tratamento desumano dado aos doentes mentais, surgem movimentos de reforma da psiquiatria, como, por exemplo, o tratamento moral proposto por Pinel. O doente mental era incentivado a realizar atividades que estimulavam hábitos e desestimulavam pensamentos mórbidos. Ainda nesse século, a Revolução Industrial, na Inglaterra, gerou uma mecanização do sistema de produção em detrimento dos valores humanos. Acelerou-se o processo de produção e os trabalhadores passaram a trabalhar em ambientes precários, ganhando pouco para uma carga de trabalho excessiva.

Todos esses conceitos até aqui descritos, embasaram no século XX a profissão da TO. As atividades, portanto, ora eram entendidas como um “exercício”, com a atenção voltada às partes lesadas para desenvolver o uso normal do movimento incapacitado. Ora eram entendidas como “produção”, adaptando o homem ao sistema de trabalho, desenvolvendo suas habilidades. Ou então eram entendidas como “expressão”, sendo trabalhadas livremente, permitindo a expressão de sentimentos, atitudes, idealizações através de formas, palavras, marcas... Ou eram entendidas como “criação/transformação”, fazendo o indivíduo lidar com sua realidade de vida, promovendo transformação de si e de seu meio social (FRANCISCO, 1988).

Mas é a partir da década de 80 que novas concepções menos alienantes e excludentes se

consolidaram, entendendo a atividade como recurso de articulação do indivíduo com seu meio de forma dialética, mexendo na estrutura, mudando a rotina e o ambiente do mesmo, inserindo-o num determinado tempo e espaço. Alguns autores contribuíram para esse pensamento, como por exemplo, Simon e a teoria da “Terapia ativa”, onde a ênfase estava nas capacidades remanescentes do indivíduo e a atividade era recurso regulador e promotor de vida e produção.

No Brasil, a utilização de novos recursos aconteceu através das experiências de autores como Luis Cerqueira, Osório César e Nise da Silveira, os quais buscaram aprofundar seus estudos sobre a utilização das atividades para enxergar nelas novas potencialidades, enfatizando o caráter expressivo da linguagem plástica, entendendo a atividade como promotora da construção de uma nova realidade, geradora de novos conhecimentos e reconstrutora de novas formas de viver, incrementando os projetos de vida do indivíduo.

Vê-se que há diferentes maneiras de se entender e definir a atividade. Ela pode ser corporal, lúdica, artística, artesanal, geradora de renda, de lazer, entre outras. É importante salientar que cada uma trás diferentes benefícios para o indivíduo como, por exemplo, a expressão corporal, o uso da imaginação e criatividade, a estimulação do raciocínio. A atividade se constrói na comunicação, na experiência, nas carências, na situação vivida pela pessoa dentro do seu tempo e espaço culturais. Ela só terá sentido se “amarrada” a alguma coisa, sejam os sentimentos, as percepções, o resgate da identidade de cada indivíduo. Portanto, para cada um, há uma atividade que melhor se encaixa às suas necessidades num determinado momento de sua vida.

Comportamento humano e cultura

O ser humano possui necessidades básicas para sua sobrevivência. Somos seres complexos que vivemos nos adaptando, tentando melhorar nosso desempenho em busca da perfeição. Hagedorn (2003, p 21) conclui que é necessário mais do que uma teoria para tentar explicar essa complexidade e riqueza de nossos comportamentos, pensamentos e sentimentos. A autora cita as “Escolas - chave de pensamento referente ao comportamento humano”, na tentativa de entender e esclarecer nossas atitudes. Segundo ela, a escola fisiológica pontua que fazemos o que nossos constituintes genéticos e funções eletroquímicas nos tornam capazes de fazer, em resposta a um estímulo interno e externo, e a escola comportamental propõe que

desempenhamos e reagimos quando exigidos pelo ambiente.

Já a escola psicanalítica diz que agimos de acordo com impulsos ou experiências infantis e memórias inconscientes de relações e eventos passados, diferente da escola cognitiva, a qual diz que agimos de acordo com nossos pensamentos, sentimentos e percepções. A escola de desenvolvimento sugere que o ser humano utiliza habilidades apropriadas à sua idade cronológica e/ou de desenvolvimento que fornecem oportunidades e um ambiente nutritivo, e a escola social sugere que comportamos - nos da maneira na qual acreditamos que outras pessoas, grupos culturais ou sociais específicos, ou sociedade como um todo, esperam que nos comportemos.

Finalmente, a escola humanista diz que fazemos nossas próprias escolhas de acordo com aspectos fundamentais próprios e a escola ecológica propõe que interagimos com nosso ambiente como parte de um sistema aberto, orgânico e adaptativo, que somos formados por nosso ambiente e reciprocamente formamos outras partes do sistema.

Observa-se que diversas são as áreas do saber que tentam explicar o comportamento humano. Vivemos em busca de uma normalidade de comportamento que seja aceita pela nossa sociedade. Para nós, ser “normal” consiste num “sistema consensual que nos permite viver confortavelmente dentro de uma faixa razoável de aceitabilidade social” (MIRANDA, 2003).

Para esse trabalho é importante frisar que todos esses conceitos estão intimamente ligados com a cultura. Mas, o que seria, então, essa cultura? E como estaria esta ligada ao comportamento humano?

Morin, filósofo francês, diz que os seres humanos organizam-se e abrem-se para o que lhes é exterior. Para ele, o Homem é um sujeito que toma a si próprio como centro de um processo vital, cultural, psíquico, individual e social que produz, gera e troca informações com seu meio. Ele define cultura em dois pólos: o da existência, da vida, do presente, e o da construção histórica da sociedade: o saber, a tradição, os costumes. Cultura é um “sistema que faz comunicar - em forma dialética – uma experiência existencial e um saber constituído” (MORIN, 1977, p.77).

Seriam então nossos acontecimentos sociais, nossos comportamentos frente a diferentes situações, nossos processos de aprendizagem e adaptação, contextos da cultura? E como estaria esta ligada à “normalidade de comportamento aceito pela sociedade” descrito anteriormente?

Cultura nada mais é do que os valores, as atitudes, as emoções, as crenças e idéias que um grupo de pessoas tem em comum, bem como a singularidade e particularidade de cada indivíduo.

A cultura se integra de nossas religiões, educação, nossas tradições, músicas, clima, comida, artes, leis... Ela é contextualizada nos acontecimentos sociais, por isso dizemos que ela está ligada ao que quer que seja que um indivíduo tem que saber ou acreditar a fim de agir de uma forma aceita pelos seus membros (GOODENOUGH in GEERTZ, 1989).

A cultura está ligada ao tempo e ao espaço de cada indivíduo, ou seja, ao seu cotidiano, sendo este mais do que uma seqüência de atividades e obrigações, mais que uma rotina de horários a serem cumpridos. Ele é, sim, uma forma única e pessoal de viver a própria história.

Abordagem terapêutica X cultura

A Terapia Ocupacional tem como meta melhorar a qualidade do desempenho de um indivíduo, seja na questão física, mental ou social. Ao se utilizar a atividade como uma ferramenta na intervenção é necessário lembrar que essa atividade só significará algo se contextualizada na realidade, ou seja, na cultura do paciente.

Cada um de nós tem uma maneira diferente de abordar e avaliar certos problemas e situações e isso é exclusivo de nossa personalidade e convicções de nosso caráter. Portanto, para melhor entender as necessidades e dar uma assistência adequada ao paciente, cabe ao Terapeuta Ocupacional tentar entender as simbologias expressas pelos pacientes a partir de toda a complexidade da dinâmica dos mesmos, cabe a ele perceber que, quando o indivíduo está em harmonia com seus compostos existenciais (espiritual, biológico, psicológico e social) ele mesmo estará mais próximo do ser humano real, sendo para isso necessário desenvolver a habilidade de enxergar uma ação de duas ou mais maneiras, removendo de si sua própria cultura para não ter uma interpretação errada do universo cultural do paciente, não misturar valores.

Quando o paciente chega para o atendimento, independente do seu problema, seu tempo e espaço, sua história de vida, encontram-se fragmentados. Trabalho e habilidade de ação, motivação, competição, preocupações ambientais e influências familiares, medo ansiedade, angústia, vergonha, são exemplos de fatores/sentimentos que o indivíduo tem de encarar e que podem influenciar no atendimento. Ele se priva de divertimentos e atividades culturais e passa a interagir de forma insatisfatória com sua família, trabalho, escola, etc. Por isso, antes de pensar em qualquer atividade, é necessário reconstruir a história de cada paciente, não somente no âmbito individual, como também o coletivo e o cultural (BRUNELLO, 1991).

Para que o atendimento seja proveitoso e traga bons resultados, deve-se pensar em

atividades considerando o que o paciente traz, ouvir o que ele tem a dizer e não simplesmente impor o que deve ser feito.

Referências

- BENETTON, J. Trilhas Associativas: Ampliando recursos na clínica da TO. São Paulo: Diagrama & Texto/CETO – Centro de Terapia Ocupacional, 1999
- BRUNELLO, M.I.B. Reflexões sobre a influência do fator cultural no processo de atendimento de Terapia Ocupacional. Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo, v.2, n.1, fev. 1991
- CASTRO, E.D.; SILVA, D.M. Habitando os campos da Arte e da Terapia Ocupacional: percursos teóricos e reflexões. Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo, v. 13, n.1, p. 1-8, jan./abr. 2002
- FRANCISCO, B.R. Terapia Ocupacional. Ed. Papyrus, 1988
- GEERTZ, C. A interpretação das culturas. 1ª ed. Ed. LTC, 1989
- HAGEDORN, R. Fundamentos para a prática em Terapia Ocupacional. 3ª ed. Ed. Roca, 2003
- MEDEIROS, M.H.R. A Terapia Ocupacional como um saber: uma abordagem epistemológica e social. Dissertação de Mestrado em Filosofia – Pontifícia Universidade Católica de Campinas, 1989
- MIRANDA, H.C. Autismo: uma leitura espiritual. Ed. Lachâtre, 2003
- MORIN, E. Cultura de massas do século XX. Ed. Forense Universitária, 1977